

Torcer na Pandemia: uma etnografia sobre as dinâmicas dos torcedores organizados durante a pandemia de COVID-19 em Maceió- Alagoas.¹

Mr. João Victor Mendes(UFAL)²

Resumo:

Este artigo surge de observações participantes e etnografias oriundas da minha pesquisa de mestrado na cidade de Maceió-AL, acompanhando de perto as atividades da Torcida Organizada Mancha Azul, principal instituição torcedora do Centro Sportivo Alagoano (CSA). A torcida organizada é vista como um importante ponto de sociabilidade que agrupa indivíduos heterogêneos em torno de um único objetivo (SIMMEL, 2006). Impossibilitados de frequentar os estádios de futebol, esses torcedores criaram estratégias até então inéditas para apoiar seus clubes e manter a sociabilidade torcedora. Essa nova dinâmica consistia em colocar as faixas e bandeiras da torcida nas arquibancadas vazias dos estádios de futebol, sem cânticos ou performances, onde a colocação desse material representava simbolicamente o domínio da torcida naquele espaço de concreto, que mesmo vazio, continuava sendo seu pedaço (MAGNANI, 2002). Pude acompanhar de perto toda a preparação do material da Mancha Azul, desde a escolha do material na sede da torcida, o trajeto onde os torcedores se apropriaram das ruas da cidade em comboio (MAGNANI, 2002), até sua colocação e retirada no Estádio Rei Pelé. Dito isso, o objetivo é demonstrar com relatos etnográficos, como os torcedores organizados em Maceió, driblaram as adversidades impostas pela COVID-19 e resignificaram sua maneira de torcer e representar sua torcida.

Palavras-Chave: Torcida Organizada; Pandemia; Sociabilidade.

Abstract:

This article arises from participant observations and ethnographies from my master's research in the city of Maceió-AL, closely following the activities of Torcida Organizada Mancha Azul, the main supporter institution of Centro Sportivo Alagoano (CSA). The organized crowd is seen as an important point of sociability that groups heterogeneous individuals around a single objective (SIMMEL, 2006). Unable to attend football stadiums, these fans created strategies that had never been seen before to support their clubs and maintain fan sociability. This new dynamic consisted of placing the fans' banners and flags in the empty stands of football stadiums, without chants or performances, where the placement of this material symbolically represented the crowd's dominance in that concrete space, which, even empty, remained their piece (MAGNANI, 2002). I was able to closely follow the entire preparation of the material

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² João Victor Mendes- Mestrando em Sociologia pelo programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas.

for Mancha Azul, from the choice of material at the fans' headquarters, the route where the fans appropriated the city streets in convoy (MAGNANI, 2002), to its placement and removal at the Rei Pelé Stadium. That said, the objective is to demonstrate with ethnographic reports, how the fans organized in Maceió, dribbled the adversities imposed by COVID-19 and resignified their way of cheering and representing their fans.

Keywords: Torcida Organizada; Pandemic; Sociability.

Introdução

O presente trabalho é fruto de observações antropológicas feitas nos anos de 2020 e 2021 oriundas de inserções ao campo que realizei em virtude da escrita de minha dissertação de mestrado em Sociologia. Acompanhando os torcedores organizados da Mancha Azul, principal torcida do Centro Sportivo Alagoano e uma das principais do estado de Alagoas. A coleta dos dados se deu através de observações participantes e entrevistas de profundidade (feitas virtualmente pela plataforma *Google Meet*), onde pude constatar a formação de uma nova dinâmica de torce em Maceió no que diz respeito às atividades desenvolvidas pelos torcedores.

Com a flexibilização das medidas protetivas de isolamento social contra a COVID-19, aos poucos as partidas e campeonatos de futebol foram retornando, só que num primeiro momento sem a presença das torcidas, apenas os jogadores e um conjunto de protocolos de segurança sanitária para garantir o bem-estar de todos os envolvidos. Longe das arquibancadas, as TO's adotaram uma dinâmica nova inspirados por torcidas europeias: começaram a levar suas faixas, bandeiras e bandeirões às arquibancadas vazias dos estádio, uma maneira de marcarem presença seus símbolos, seu poder e sua identidade. O trajeto até que esses materiais fossem fixados nas arquibancadas é composto por dinâmicas as quais observei e pretendo discorrer sobre neste trabalho.

Etnografando a Mancha Azul durante a pandemia: As dinâmicas de sociabilidades que permeiam a colocação das faixas e bandeiras no Estádio Rei Pelé.

A dinâmica de uma Torcida Organizada é bem diversa. Quem não acompanham de perto podem pensar que se resume apenas aos 90 minutos de uma partida de futebol,

porém vai muito além. Algumas torcidas funcionam os sete dias da semana em horários estendidos e atividades que vão desde a venda dos seus artigos na loja/sede da torcida, até limpeza, manutenção e proteção do seu espaço e materiais. Meu foco aqui é a relação dos torcedores organizados da Mancha Azul com a disposição desses materiais (faixas, bandeiras e bandeirões) nos estádios e de como esse processo passou por alterações significativas durante a pandemia, demandando maior zelo e proteção para com os materiais.

Este trabalho surge de observações participantes e etnografias oriundas da minha pesquisa de mestrado na cidade de Maceió, acompanhando de perto as atividades da Torcida Organizada Mancha Azul, principal instituição torcedora do Centro Sportivo Alagoano (CSA). Trago em minhas pesquisas a perspectiva de que a torcida organizada é um importante ponto de sociabilidade que agrupa indivíduos heterogêneos, em torno de um único objetivo (SIMMEL, 2006). Pensar a torcida dessa maneira nos proporciona ir além, observando os indivíduos que estão ocupando os espaços da agremiação não estão apenas inseridos por afinidade ao clube e suas cores, mas também por outros fatores que fazem com que essa inserção aconteça.

A sociabilidade entre as Torcidas Organizadas ainda adquire uma outra especificidade e dimensão: aquela que evoca a esfera da reciprocidade, poder e prestígio, ou seja, uma dimensão política que se estabelece entre estes grupos torcedores. (TOLEDO, 1996. Pg 105).

A afinidade com o CSA, com suas cores e símbolos parece não ser o único aspecto motivador que faz um jovem querer ingressar na Mancha Azul de acordo com os relatos obtidos durante a pesquisa. Pude notar em algumas falas de meus interlocutores que aspectos subjetivos como a emoção que se sente ao ver a torcida na arquibancada, por exemplo, faz com que se estabeleça uma relação de aproximação entre torcedores organizados e não organizados, porém é o contato mais próximo com outros indivíduos que já participam da torcida o fator que perpassa todas as falas dos interlocutores. Sejam eles amigos do bairro, da escola ou da faculdade, é essa dinâmica de sociabilidade responsável por agregar os jovens à torcida organizada. Esse *modus operandi* de aproximação com as atividades da torcida não se restringe só aos homens, as mulheres também se aproximam por amizades em comum que abrem o caminho para sua inserção.

Faço esses apontamentos iniciais sobre sociabilidade e torcida organizada porque os próximos passos me levam a culminância desse processo a partir da percepção de como essas dinâmicas de sociabilidade se reverberam na Mancha Azul e como o fato de colocar as faixas no estádio, uma atividade que a olhos despercebidos pode parecer simples, se torna uma grande atividade, com regras, metodologias, dinâmicas próprias, tensionamentos e conflitos. Aqueles que acompanham o futebol, seja *in loco* ou a distância, percebem de imediato que os estádios brasileiros de norte a sul estão sempre ornamentados com faixas, bandeiras e bandeirões, que em sua maioria pertencem as diversas torcidas organizadas existentes no Brasil. Porém, o que não é visto comumente são os bastidores dessa ornamentação: a separação do material, transporte, acordos prévios com a Polícia Militar e o Ministério Público, a fixação desse material nos estádios, retirada, etc., denotando uma dinâmica complexa que requer muito trabalho daqueles que se dispõem em participar.

Com esse novo *modus operandi*, das torcidas nos estádios durante a pandemia, novas regras para colocação dos materiais foram prescritas para os torcedores organizados. Antes da pandemia, quando os portões do estádio se abriam os materiais eram colocados, mas existia um horário delimitado pela Polícia Militar de Alagoas para que todo material fosse revistado e conferido, e mediante ofício, as faixas e bandeiras poderiam ser posicionadas nas arquibancadas junto com a entrada de todos os torcedores, sejam eles organizados ou não.



Preparação do material na sede da Torcida Mancha Azul- Foto de João Victor Mendes

Com a pandemia, o material deveria entrar no estádio com cinco horas de antecedência do início da partida. Não era feita a revista, os torcedores entravam, posicionavam as faixas nos setores e se retiravam com a chegada da PM-AL; essa nova dinâmica chegou a causar desconfiança nos torcedores, pois eles temiam que os rivais se infiltrassem e confiscassem algum material. Em conversa com um dos diretores da Mancha Azul, pude perceber o receio que essa atividade gerava:

M.P – No começo foi meio assustador né, não vou mentir, porque assim as faixas e as bandeiras são nossas vidas, assim né, a gente, é... capaz de dar a vida por uma bandeira dessa entendeu, sem demagogia, quem é torcedor organizado, quem vive torcida organizada, quem tem ideologia de torcida organizada, sabe o quanto representa uma faixa e uma bandeira para um torcedor organizado, e a gente deixar nossas faixas lá, e bandeiras sozinhas, ai no começo causou uma certa estranheza né, a gente se assustou, ai sentamos, conversamos né, para vê uma melhor maneira, e conversamos com o CSA também né, essas questões e tal, e o CSA passou toda uma segurança para a gente né, com relação a CBF né, que... iria tá nessa logística também do material, dando um aparato né. E ai foi quando a gente, nos criamos a primeira logística né, fomos ao estádio, deixamos o material mesmo assim com aquele receio né, mais deu certo a primeira vez, e ai a gente foi pegando experiência né, que sabíamos que durante muito tempo a gente ia viver aquilo ali né, ia ter que viver daquela forma, ia ter que se adaptar, e ai graças a deus nos adaptamos né, todas as nossas logísticas sempre funcionaram, graças a deus sempre deu certo, nunca aconteceu nenhum tipo de problema, e foi difícil se adaptar a isso, entendeu João, de tá longe, de deixar o material sozinho, mais graças a deus essa fase ai passou, espero que não volte mais, entendeu, e... foi difícil, mais vencemos. A gente fica com aquela... pulga atrás da orelha né velho, po o que é que vai acontecer, deixar só, não tem como se defender né, mais graças a deus deu tudo certo. (Entrevista realizada no mês de Dezembro de 2021 via plataforma *Google meet*.)

Esse trecho traz apontamentos diversos sobre a relação dos torcedores organizados com os seus materiais, o sentimento de pertencimento ao ponto do torcedor apontar que é “capaz de dar a vida” por suas bandeiras. Para esses indivíduos, são mais que meros pedaços de pano e tinta, é o nome da instituição que eles estão carregando e protegendo, instituição essa que molda suas identidades.

Entre os meses novembro e dezembro de 2020, e de janeiro a junho de 2021, acompanhei de perto a Mancha Azul em algumas atividades durante os jogos do Campeonato Brasileiro da Série B e o Campeonato Alagoano, participando da colocação das faixas dentro do Estádio Rei Pelé. Inserido no campo de pesquisa, frequentava a sede da torcida e de lá participava de toda preparação e separação dos materiais. Enquanto a sociedade se preocupava com medidas sanitárias de prevenção à COVID-19, os componentes da Mancha Azul se preocupavam em transportar seus

materiais em segurança, visto que o perigo dos rivais planejarem um atentado era iminente. Como relatei no diário de campo:

Como já é de costume, o deslocamento do material até o estádio vai sendo feito pelos próprios componentes em carros e motos, sem nenhuma supervisão da polícia, os componentes vão parando os cruzamentos e sinais, para que todo o trajeto seja feito de maneira rápida e que o carro onde os materiais estão presentes não fique muito tempo parado, a merce de um suposto “ataque” da torcida rival. (Anotações do diário de campo, 2021).

Todo esse aparato protetivo demarca também tensionamentos de gênero vistos na torcida Mancha Azul. Nas minhas observações, nenhuma mulher foi vista realizando tal atividade, sequer a presença delas na sede durante a preparação era notada, o que caracteriza tal dinâmica como restritamente masculina, seguindo a lógica masculinista de que só os homens seriam capazes de proteger o patrimônio que estava em jogo, demonstrando sua bravura e virilidade, diante de possíveis situações de perigo.



Homens colocando as faixas e bandeiras da torcida no Estádio Rei Pelé durante a pandemia. Fonte:

<https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial>.

A virilidade, muito observada no futebol e nas torcidas, também é um ponto de distinção. Quando uma mulher é impedida de ir em um jogo considerado perigoso, os homens observam nesta conduta uma relação só deles, onde em grupo vão potencializar a masculinidade e o “ser masculino”. Incluir uma mulher nesse momento seria torná-los

menos viris, uma demonstração de fragilidade perante os “inimigos” que os aguardam, ou seja, as mulheres são bem vindas, desde que não modifiquem o status do que é ser masculino naquele ambiente. Bourdieu aponta:

Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris (BOURDIEU, 2002).

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (BOURDIEU, 2002).

Essa acaba sendo uma atividade totalmente desempenhada por homens. As mulheres impedidas de transportarem as faixas, no imaginário masculino representariam enfraquecimento aquela atividade. Fazendo uma comparação com o que escreveu o antropólogo Pierre Clastres (1973), quando analisa o cotidiano dos Guayaquis apontando para os signos que determinam simbolicamente o espaço dos sexos na vida cotidiana deste grupo. Pude perceber algo semelhante a essa dinâmica nas relações entre homens e mulheres da torcida Mancha Azul. Não transportar a faixa é um ato de manter a ordem que está regulamentando as dinâmicas de gênero desse grupo social.

Esse tabu sobre o contato físico com insígnias mais evidentes do sexo oposto permite evitar assim toda transgressão da ordem socio-sexual que regulamenta a vida do grupo. (CLASTRES; 1973, p. 75).

O campo demonstrou que nas atividades como a colocação das faixas da Mancha Azul no Estádio Rei Pelé até a retirada do material no pós-jogo não houve a participação feminina. E as faixas e bandeiras que representavam o Núcleo Feminino³ foram colocadas com menor frequência em relação aos outros materiais. Com isso, é perceptível como as disputas relacionadas ao gênero são extremamente relevantes quando falamos em torcida organizada. Por mais que as mulheres tenham conquistado cargos e maior visibilidade nesse meio, existe uma monopolização do prestígio por parte dos homens.

³ Núcleo Feminino – divisão na torcida Mancha Azul que engloba as mulheres ativas que frequentam a torcida.

Além das disputas de gênero que observei nas incursões de campo, outro ponto que chama atenção nessa atividade desenvolvida pelos torcedores organizados da Mancha Azul, é a maneira como eles se apropriam do espaço urbano, tomando de significado os espaços por onde passam.

No caso das atividades que foram desenvolvidas durante a pandemia de COVID-19, dois pontos chamaram a minha atenção enquanto pesquisador. Primeiro ponto o trajeto, quando todas as faixas e bandeiras já se encontravam no carro ou em alguns casos no caminhão, a torcida saía em comboio pelas ruas de Maceió. A sede da torcida está localizada no centro da cidade, distante do Estádio Rei Pelé apenas 4,6 KM, um trajeto relativamente próximo, porém, ganha mais rapidez ainda, quando no comboio, as motos e os carros dos torcedores vão parando os cruzamentos, desrespeitando os sinais de trânsito e as faixas destinadas a outros veículos, o intuito em toda essa atividade é ser o mais rápido possível, evitando paradas e que os materiais fique desprotegidos. Ao se deslocar em comboio, esses indivíduos vão ressignificando os espaços por onde passam, e vão ligando seu território a outros territórios, MAGNANI (2002) chama atenção para o conceito de trajeto, e revela que:

... trajeto aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas: está é uma primeira aplicação da categoria: na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, trajetos ligam equipamentos, pontos, manchas, complementares ou alternativos. (MAGNANI, Pag. 23)

Além do trajeto até o estádio, a tomada por esses torcedores das arquibancadas, seja fisicamente ou apenas com a colocação das faixas no período da pandemia aponta simbolismos nesse processo de sociabilidade. Os integrantes da torcida, encaram aquele espaço físico como seu pedaço, se sentem pertencentes ao local e fazem de tudo para não perde-lo, muito menos ter o espaço manchado ou invadido por torcedores rivais. O ato de colocar as faixas na arquibancada e ficar lá protegendo, demarca isso.



Bandeirão da Torcida Mancha Azul, na arquibancada do Estádio Rei Pelé- Foto de João Victor Mendes.

E esse pertencimento é percebido de maneira mais acentuada nas dinâmicas desenvolvidas na sede e nas arquibancadas, acaba se tornando um espaço entre a rua e a casa, onde lá os indivíduos que frequentam estão ligados por laços de irmandade, MAGNANI (2002), chama atenção para o conceito de pedaço:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (2002, p.211).

A sede da Mancha Azul, e as atividades que se desenvolvem nela, podem ser vistas como o pedaço para esses indivíduos que participam das suas dinâmicas, a sede atrai esse ponto mais familiar, onde os indivíduos dão significado ao território, fazendo dali o seu pedaço, não por ser naquela região ou rua, mas sim por ali está presente a “casa da Mancha Azul”, e esse local formar essas redes de relações no seu interior e exterior.

Magnani (2002) aponta que são essas dinâmicas de sociabilidades, que darão sentido ao pedaço, passar ou só frequentar não me traz elementos suficientes para pertencer aquele local, é preciso estar inserido, saber os códigos, os comportamentos etc.

Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para ser do pedaço; era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim era o segundo elemento – a rede de relações- que instaurava um código capaz de separar, ordenar e classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era “do pedaço” e em que grau (“colega”, “chegado”, “xará” etc.). (2002, pag. 21).

Para ser do pedaço tem que saber as regras que ali são impostas a todos os indivíduos que se dispõem em participar dessas dinâmicas. Não são todos os integrantes que participam efetivamente das atividades na sede da torcida, mesmo os que pouco frequentam também se sentem pertencidos ao local. Esse apontamentos sobre trajeto e pedaço, reforçam a ideia das atividades que foram desenvolvidas durante a pandemia, pois só estavam aptos a participar aqueles que já estão inseridos no processo de sociabilidade, ou em termos nativo “aqueles que fazem parte da irmandade”.

Considerações Finais

A pandemia de covid-19 trouxe muitos desafios para a nossa sociedade, em todos os níveis, adequações precisaram ser feitas, medidas sanitárias foram tomadas, com o intuito de proteger os cidadãos. Com as flexibilizações e o avanço da vacinação, algumas atividades foram retornando, de maneira lenta e adaptada. Uma delas foi o futebol, que retoma suas atividades apenas com os jogadores e a comissão técnica, as arquibancadas ficaram vazias por muitos meses. Para suprir a ausência do incentivo da torcida, as Torcidas Organizadas em todo Brasil, tiveram a iniciativa de ornamentar suas arquibancadas com faixas, bandeiras e bandeirões, uma maneira simbólica de mostrar seu apoio naquele momento.

Em Maceió, essa nova dinâmica demorou para engrenar, os torcedores estavam receosos com a novidade, temiam ataques e atentados dos rivais. Pude acompanhar de

perto as primeiras colocações de faixas no Estádio Rei Pelé, acompanhando a torcida Mancha Azul, presenciei os primeiros momentos, e de como a atividade foi se tornando essencial no período pandêmico. Desde a arrumação do material na sede, até a sua retirada do estádio, muito achavam que as torcidas organizadas estavam paradas, esperando a pandemia acabar para retomar suas atividades, porém elas não pararam, pelo contrário, se reinventaram, criaram novas dinâmicas.

Portanto, o intuito deste artigo é mostrar como em Maceió, as Torcidas Organizadas encontraram maneiras e estratégias de apoiar os seus clubes em plena pandemia, demonstrando com seus símbolos sua força, mesmo nas arquibancadas de concreto vazias. Cada pedaço de pano representava os torcedores que não poderiam estar presentes, performando e apoiando seus clubes.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 1930-2002. A dominação masculina/Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena. Kühner. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CLASTERS, Pierre. A sociedade contra o Estado. O arco e o cesto; 1973.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p.1-28, jun. 2002.
- - SIMMEL, Georg. Questões Fundamentais de Sociologia. Zahar. 2006.
- TOLEDO, L. H. (1996) Torcidas Organizadas de Futebol. Campinas: Autores Associados/ FAPESP.